

## A ACUSAÇÃO DE ONOLATRIA JUDAICA NO PERÍODO HELENÍSTICO

### The Accusation of Jewish Onolatry in the Hellenistic Period

*Willibaldo Ruppenthal Neto<sup>1</sup>*

*Dr. Renan Frighetto<sup>2</sup>*

#### RESUMO

O presente artigo visa analisar a acusação de onolatria feita contra os judeus, buscando suas origens no período helenístico, relacionando os dois relatos principais, de Diodoro Sículo e Mnaseas de Patara, às culturas judaica e egípcia. Assim, buscase apresentar as possibilidades de influência na formação de tal acusação, tanto na veneração de animais presente entre os egípcios, como ainda na relação judaica de seu Messias com o asno, sobre o qual deve aparecer montado.

**Palavras-chave:** Judaísmo. Judaísmo helenístico. Mundo Helenístico.

#### ABSTRACT

This article aims to analyze the charge of onolatry made against the Jews, searching for its origins in the Hellenistic period, relating the two main accounts, from Diodorus Siculus and from Mnaseas of Patara, to the Jewish and Egyptian cultures. Therefore it is sought to present the possibilities of influence in the formation of such an accusation, both by the veneration of animals present among the Egyptians, and by the Jewish relation of their Messiah with the ass, on which he should appear

<sup>1</sup> Mestrando em História na UFPR. Graduado em História pela UFPR e Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Membro discente do NEMED. Bolsista CNPq. E-mail: [willibaldoneto@hotmail.com](mailto:willibaldoneto@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História Antiga pela Universidade de Salamanca (1996); Mestre em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990); Professor Associado da Universidade Federal do Paraná – Departamento de História. Pesquisador ID CNPq; pesquisador do NEMED/UFPR. E-mail: [rfrighetto@hotmail.com](mailto:rfrighetto@hotmail.com)

mounted.

**Keywords:** Judaism. Hellenistic Judaism. Hellenistic World.

## INTRODUÇÃO

Apesar dos contatos entre gregos e judeus datar pelo menos do século X a.C., como atestam os indícios arqueológicos, a primeira referência clara que temos dos gregos a respeito dos judeus, escrita por Hecateu de Abdera<sup>3</sup>, data somente do século IV a.C., já no período helenístico. Neste novo contexto histórico, de intensas e constantes trocas culturais, torna-se algo bastante precioso o conhecimento a respeito das outras culturas. Justamente por este motivo a etnografia grega ganha força, apresentando as diversas culturas da *oikoumene* para o público grego. Dentre estas várias culturas, a cultura judaica tem importância especial por seus aspectos particulares, causando admiração e estranhamento por parte de seus observadores. Se, por um lado, há aqueles gregos que chegam a ver os judeus como uma raça de filósofos, há também outros, que, não compreendendo o desejo judaico por separação cultural, os veem como verdadeiros misantropos, ou seja, pessoas de forte caráter antissocial.<sup>4</sup> Em boa medida, esta acusação decorre de uma incompreensão, afinal, a “misantropia” judaica era, no fundo, um desejo de preservação da sua identidade, cultura e religião.

## I. A ACUSAÇÃO DE ONOLATRIA

Talvez ainda mais complicada que a misantropia judaica seja a compreensão pagã sobre a abstração do Deus dos judeus. Afinal, como poderiam os povos pagãos, tão acostumados a uma diversidade de deuses, entender um conceito tão abstrato como o Deus dos judeus? Havia, portanto, certa “incapacidade pagã de captar a essência fundamental do monoteísmo judaico”, como lembrou Nachman Falbel.<sup>5</sup> A grande exceção, porém, parece ter sido o caso dos filósofos, especialmente de vertente

<sup>3</sup> Hecateu de Abdera, *Aegyptiaka* apud Diodoro Siculo, *Bibliotheca Historica*, 40,3 = Photius, Cod. 244 = F9R = FrGH III A264 F= 13 Müller = 9 Reinach = 11 Stern. Cf. STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Edited with Introductions, Translations, and Commentary by Menahem Stern. Volume 1: From Herodotus to Plutarch. Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976, p. 26-35.

<sup>4</sup> Cf. o relato de Hecateu de Abdera, que define os costumes judeus como *ἀπάνθρωπόν*. Como Katell Berthelot bem indicou, este termo se relaciona à acusação de “misantropia” contra os judeus. Segundo Berthelot, no teatro grego os *misanthropoi* eram as pessoas que decidem se afastar da vida social das cidades, sendo utilizada como imagem alegórica para a descrição dos judeus. Cf. BERTHELOT, Katell. Hecataeus of Abdera and Jewish ‘misanthropy’, *Bulletin du Centre de recherche français à Jérusalem*, Varia 19, 2008.

<sup>5</sup> FALBEL, Nachman. As raízes do antissemitismo na Antiguidade e na Idade Média. In: FUKS, Saul. (org.). *Tribunal da História*. Volume II: Processos de formação da identidade judaica e do anti-semitismo. Rio de Janeiro: Imago/Centro de História e Cultura Judaica, 2008. p. 197-227 [201].

estoica, que de fato percebiam a realidade divina a partir de uma lógica semelhante ao monoteísmo. Sêneca, por exemplo, chega a ter uma ideia da divindade como um ser único, mesmo que possa “receber muitos nomes e ser multifacetada”, como lembram Cesar L. J. da Costa Jr. e Renan Frighetto.<sup>6</sup> Deste modo, a apresentação de Estrabão sobre o Deus de Moisés segue os moldes da lógica da filosofia estoica, como uma realidade máxima da natureza: “apenas este é Deus: o que cerca todos nós assim como a terra e o mar, [aquilo] que chamamos de céu, de cosmos, e de natureza de todas as coisas”. Mas Estrabão, assim como outros autores, a exemplo de Hecateu de Abdera<sup>7</sup>, destacaram uma particularidade do judaísmo: a ausência de imagens no culto.<sup>8</sup> Afinal, para os gregos e demais povos do mundo helenístico, que não somente tinham diversas representações de suas divindades como também as utilizavam em seus cultos, a religião judaica se apresentava como um caso particularmente estranho.

De algum modo, porém, esta incompreensão a respeito da ausência de imagens dos deuses parece ter sido suplantada por uma acusação de que os judeus veneravam a imagem de um asno. Quando se atenta aos relatos de Estrabão e Hecateu de Abdera, onde é dito que Moisés não fez nenhuma imagem de divindades, pois “ele não acreditava que Deus existisse em forma humana” (Hecateu), se pode perceber a abertura deixada por dois aspectos: 1) Moisés não fez nenhuma imagem, mas nada é dito sobre seus sucessores; 2) É negada a *forma humana* à divindade. A adoração da imagem de um asno, portanto, poderia ser considerada, já que não possui forma humana, e poderia ter sido feita após Moisés. Tal acusação, cuja origem parece remontar mais diretamente a Mnaseas de Patara (séc. II a.C.)<sup>9</sup> e Diodoro Sículo (séc. I a.C.)<sup>10</sup>, ainda estava presente na crítica pagã ao cristianismo<sup>11</sup>, séculos depois. Ora, trata-se, evidentemente, de uma

<sup>6</sup> COSTA JR., Cesar L. J. da; FRIGHETTO, Renan. A concepção de deus no *De Providentia* de Sêneca. *Hélade*, Vol. 2, No. 3, dez. 2016. pp. 51-58 [57].

<sup>7</sup> Estrabão, *Geog.*, 16.2.35. Cf. LUDLAM, Ivor. Appendix: The God of Moses in Strabo. In: BAR-KOCHVA, Bezalel. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010. p. 525-541 [525].

<sup>8</sup> “Um sacerdote egípcio chamado Moisés (...) declarou e ensinou (...) que os gregos também estavam errados em fazer imagens de seus deuses em forma humana. Pois apenas este é Deus: o que cerca todos nós assim como a terra e o mar, [aquilo] que chamamos de céu, de cosmos, e de natureza de todas as coisas (...)”. Estrabão, *Geog.*, 16.2.35. Seguimos a tradução em: LUDLAM, 2010, p. 525.

<sup>9</sup> Mnaseas de Patara (ou Patras), foi um escritor da cidade de Patara na Lícia, que a Suda apresenta como discípulo de Eratóstenes. Josefo parece mencioná-lo em três momentos: quando menciona os autores que se referem ao Dilúvio (*Ant. Jud.*, 1.94), em uma lista de autores que escreveram sobre os judeus (*Cont. Ap.*, 1.215-216), e como uma das fontes de Apião (*Cont. Ap.*, 2.112-114). Sobre Mnaseas, cf. STERN, 1976, p. 97-98.

<sup>10</sup> Diodoro Sículo (da Sicília), realizou uma grande obra histórica, compilando diversas outras, apresentando pelo menos 11 fragmentos a respeito dos judeus e de sua história. Sobre Diodoro, cf. STERN, 1976, p. 167-168. Para os fragmentos, cf. STERN, 1976, p. 169-189 (frags. 55-66).

<sup>11</sup> Ainda nos primeiros séculos da era cristã esta acusação era recorrente, de modo que está presente em Plutarco (*Quaestiones Convivales*, 4.5). A acusação de onolatria atribuída aos judeus passou aos cristãos,

acusação absurda. Mesmo assim, no entanto, permanece uma pergunta: por que o asno? Pode-se pensar em pelo menos dois caminhos de explicações. Para alcançá-los, porém, é necessário antes conhecer os dois relatos que parecem ter dado origem à acusação, a saber, os relatos de Diodoro e Mnaseas.

## 2. OS RELATOS QUE DERAM FORMA À ACUSAÇÃO

Na *Bibliotheca Historica* de Diodoro Sículo<sup>12</sup>, pode-se encontrar a afirmação de que o rei selêucida Antíoco Epifânio teria descoberto no *Sancta Sanctorum*<sup>13</sup> do Templo de Jerusalém, uma escultura de mármore de um homem barbado sentado sobre um asno e segurando um livro em sua mão:

Antíoco, chamado Epifânio, tendo derrotado os judeus, entrou no mais profundo santuário do templo do deus, onde somente era permitido ao sacerdote entrar. Encontrando lá uma estátua de mármore de um pesado homem barbado montado em um asno com um livro em suas mãos, supôs que era uma imagem de Moisés, o fundador de Jerusalém e organizador da nação<sup>14</sup>, o homem, além disso, que ordenou aos judeus seus costumes misantrópicos e sem lei. E já que Antíoco ficou chocado<sup>15</sup> com

---

estando presente mesmo em Tácito (*Hist.*, V.2-13), assim como na defesa de apologistas cristãos, a exemplo de Tertuliano (*Apologeticum*, 16; *Ad nationes*, 1.14) e Minúcio Félix (*Octavius*, 9). Um grafite romano, denominado *Alexamenos graffito*, encontrado próximo da antiga área judaica da cidade de Roma, traz, junto à inscrição “Alexamenos adora [seu] Deus”, um desenho de uma pessoa crucificada tendo cabeça de burro, sendo uma forma de zombaria a um cristão chamado Alexamenos. Sobre este grafite e sua relação com a acusação judaico-cristã de onolatria, cf. YARBROUGH, Oliver Larry. “The Shadow of an Ass: On Reading the Alexamenos Graffito”, In: NIANG, Aliou Cissé; OSIEK, Caroline. (ed.). *Text, image, and Christians in the Graeco-Roman World: A Feestschrift in Honor of David Lee Balch*. Eugene, Oregon: Pickwick Publication, 2012. (Princeton Theological Monograph Series, 176), p. 239-254.

<sup>12</sup> Diodorus Siculus, *Bib. Hist.*, 34/35.1.3. Cf. STERN, 1976, p. 181-183 (frag. 63).

<sup>13</sup> O Templo de Jerusalém, seguindo as instruções bíblicas, deveria conter em seu interior um santuário especial, um “santo dos santos”, no qual a presença divina se faria mais intensa. Neste local de sacralidade máxima, somente poderia entrar o sumo sacerdote, e ainda somente uma vez ao ano, no dia da expiação.

<sup>14</sup> Diodoro aqui segue o relato de Hecateu de Abdera: “Tomando posse da terra, ele fundou muitas cidades, dentre as quais aquela que atualmente é a mais famosa de todas, chamada Jerusalém. Ele também constituiu o Templo pelo qual eles têm a maior veneração, instituiu as formas de adoração à divindade e seus rituais, e estabeleceu a forma de sua constituição. Ele também os dividiu em doze tribos, por considerar este como o número mais perfeito e correspondente ao número de meses que formam o ano” (Diodoro Sículo, *Bib. Hist.*, 40.3). Acontece, porém, que a fundação de Jerusalém por Moisés não segue o relato bíblico, uma vez que esta cidade somente será dos judeus quando Davi a conquista. Parece ser uma incorporação a fim de apresentar Moisés aos moldes dos legisladores gregos, como Licurgo de Esparta.

<sup>15</sup> Neste ponto, Diodoro pretende justificar as ações de Antíoco Epifânio, tidas pelos judeus como uma perseguição ao judaísmo. Antíoco, como bem indicam os relatos de 1 Macabeus, 2 Macabeus e Daniel, não somente proibiu diversos costumes judaicos como ainda realizou profanações às concepções religiosas judaicas, chegando até mesmo a sacrificar uma porca a Zeus no Templo de Jerusalém. Aqui, Diodoro justifica que Antíoco somente derrubou as “práticas tradicionais”, sempre tão defendidas no mundo greco-romano, por tais práticas, no caso do judaísmo, serem dignas de ódio. Note-se que a propaganda a partir do *slogan* das “leis tradicionais” é elemento central no relato de 2 Macabeus. Cf. DORAN, Robert. The

tal ódio direcionado contra toda a humanidade, ele dispôs a si mesmo a fim de derrubar as suas práticas tradicionais.<sup>16</sup>

Tal estátua, de um homem montando um asno, mesmo que não tenha sido explicada no texto, foi identificada pelo próprio Antíoco como uma representação de Moisés, que seria venerado pelos judeus por sua importância na formação deste povo. Não há, portanto, uma declaração explícita nem implícita de onolatria neste texto. Até porque, se fôssemos considerar uma forma de idolatria, seria uma adoração de Moisés, figura de fato bastante elevada no judaísmo helenístico, chegando inclusive quase à divinização.<sup>17</sup> Porém, é bem provável que este relato, sofrendo alterações ao longo do tempo, tenha contribuído à ideia da adoração ao asno. Isto é evidente pelo fato de apresentar dois elementos principais, que permaneceram na tradição a respeito da onolatria – o asno e Antíoco Epifânio.

Talvez mais importante do que o relato de Diodoro Sículo seja o relato de Mnaseas<sup>18</sup>, que, apesar de ser bastante curto no que diz respeito à temática deste artigo, coloca a questão de forma diferente, afirmando que um idumeu chamado Zabidus teria entrado escondido no santuário judaico e “arrebatao a cabeça de asno de ouro (como ele debochadamente chama), saiu às pressas para Dora [sua cidade]”. Apesar de apresentar outro contexto, pode-se perceber que a tradição se deu na mistura de duas tradições – uma anterior, a qual Mnaseas segue, e outra posterior, que Diodoro apresenta. De fato, posteriormente a estes dois relatos, a tradição da cabeça de asno de ouro (Mnaseas) foi relacionada a Antíoco Epifânio (Diodoro), de modo que se dizia que este rei havia encontrado uma cabeça de asno feita de ouro dentro do Templo de Jerusalém, como bem lembrou Flávio Josefo<sup>19</sup>, a fim de responder a esta falsa acusação. Mas, como teria surgido esta acusação? Afinal, que relação poderia haver entre os judeus e a veneração de um asno?

### 3. O ASNO A PARTIR DO EGITO

O primeiro caminho para se pensar a origem da acusação de onolatria contra os

Persecution of Judeans by Antiochus IV: The Significance of “Ancestral Laws”. In: HARLOW, Daniel C. et al. *The “Other” in Second Temple Judaism: Essays in Honor of John J. Collins*. Grand Rapids: Eerdmans, 2011. p. 423-433.

<sup>16</sup> Diodorus Siculus, *Bib. Hist.*, 34/35.1.3.

<sup>17</sup> Cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no judaísmo helenístico. *Reflexus*, Ano X, No. 16, 2016a. pp. 375-393.

<sup>18</sup> Josefo, *Cont. Ap.*, 2.112-114. Cf. STERN, 1976, p. 99-100 (frag. 28); REINACH, Théodore. *Textes d’auteurs grecs et romains relatifs au judaïsme*. Reunis, traduits et annotés par Théodore Reinach. Paris: Ernest Leroux, 1895. (Fontes rerum Judaicarum), p. 77.

<sup>19</sup> Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 2.80.

judeus é a partir do Egito. Ora, não é nenhuma novidade que os deuses do Egito eram representados com forma antropozoomórfica, com elementos humanos e animais, assim como muitas vezes os animais que representavam tais deuses eram adorados, quando tidos como encarnações daquelas divindades.<sup>20</sup> O próprio Flávio Josefo, defendendo o judaísmo da acusação de onolatria, lembra que Apião, a quem responde, “certamente não deveria ter feito disto um assunto de censura, uma vez que um asno não é pior do que falcões<sup>21</sup>, bodes<sup>22</sup>, e outros animais que se constituem como deuses entre eles”.<sup>23</sup>

Apesar desta adoração egípcia a animais ser algo bem conhecido, tanto hoje como na Antiguidade, sempre causou certo estranhamento: sendo considerado o aspecto mais notável e absurdo da cultura egípcia<sup>24</sup>, era algo que causava curiosidade<sup>25</sup> e requeria explicação. Um exemplo neste sentido é a explicação oferecida por Hecateu de Abdera, segundo o qual a adoração de animais teria como origem a gratidão por parte destes pelo benefício ecológico fornecido por certos animais. Assim, alguns animais seriam venerados em decorrência do auxílio na eliminação de pestes<sup>26</sup>, por exemplo, e mesmo os mortais crocodilos seriam admirados pelo cuidado e proteção das fronteiras naturais do Egito, pelo Nilo.<sup>27</sup> Mas afinal, o que tem a ver os egípcios com os judeus?

Segundo o próprio relato judaico, os judeus teriam surgido como nação a partir de um Êxodo do Egito. Esta história, bem conhecida a partir da Bíblia Hebraica (no livro de Êxodo), foi contada e recontada em diversas versões durante o período helenístico, estando presente em textos não somente judaicos, mas também gregos e mesmo egípcios.<sup>28</sup> Mesmo que em grande medida se afirmasse que os judeus

<sup>20</sup> Havia crocodilos, por exemplo, que, sendo relacionado ao deus Sebek, eram mantidos sob cuidados em determinados locais como Kom Ombo, onde eram considerados como encarnação do deus, sendo visitados tanto por curiosos (estrangeiros) como por devotos. Cf. Estrabão, *Geog.*, 7.38.

<sup>21</sup> Aqui aparece o termo latino *furonibus*, que, apesar de Reinach ter indicado ser uma corrupção de outro termo original como *felibus* ou *canibus*, parece ser antes a tradução incorreta do grego *οἰκτιν* (“falcão”) e *ἡύ κτις* (“fúro”). Por “falcão”, é evidente que Josefo teria o deus Hórus em mente. Cf. MASON, Steve. (ed.). *Flavius Josephus: Translation and Commentary*. Volume 10: Against Apion. Translation and Commentary by John M. G. Barclay. Leiden/Boston: Brill, 2007. p. 213, nota 286.

<sup>22</sup> É provável que tivesse em mente o deus Ammon, cf. Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, II.137. Sobre o bode na religiosidade egípcia, cf. KÁKOSY, L. “Prophecies of ram Gods”, *Studia Aegyptiaca*, Vol. 7, 1981. p. 139-154.

<sup>23</sup> Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, II.81.

<sup>24</sup> Segundo Erich S. Gruen, pode-se dizer que a adoração aos animais era “a mais notável das peculiaridades egípcias, sem concorrência” (Gruen, 2011: 77).

<sup>25</sup> Cf. Herod., *Hist.*, 2.65-76.

<sup>26</sup> Diod. Sic., *Bib. Hist.*, 1.86.

<sup>27</sup> Diod. Sic., *Bib. Hist.*, 1.89.1-2. Cf. BAR-KOCHVA, Bezalel. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010, p. 97.

<sup>28</sup> Cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no Mundo Helenístico. *Revista Jesus*

estabeleceram uma nova cultura na Judeia, não se poderia esperar que tal criação não tivesse influências egípcias. Afinal, o Egito era tido, mesmo entre tradições gregas, como o berço da civilização e da cultura. Se mesmo os gregos eram indicados como descendentes de colonizadores do Egito<sup>29</sup>, quanto mais os judeus que, evidentemente, tinham uma prática bastante peculiar em comum com os egípcios: a circuncisão. Praticar a circuncisão, na perspectiva grega, era visto como dar continuidade a uma prática de origem egípcia, demonstrando influência cultural.<sup>30</sup>

Porém, uma coisa é perceber a semelhança de uma prática como possível influência, e a outra é afirmar uma prática a partir do reconhecimento de influência. Certamente, a acusação não pode ter sido simplesmente feita por se pensar os judeus como continuadores de elementos culturais egípcios. Afinal, a onolatria nem mesmo era praticada pelos egípcios: apesar de ter existido a adoração de touros, gatos e mesmo crocodilos, não parece haver indícios da adoração de asnos no Egito.<sup>31</sup> Se explicássemos a adoração de um animal como influência egípcia, porém, continuaria a questão do “porquê” do asno. Uma possível relação entre o asno e os judeus é a semelhança em questão de teimosia, segundo os antigos. Já em Homero, o asno é um símbolo de teimosia.<sup>32</sup> Ora, dentre os povos, os judeus eram conhecidos pelo seu caráter de teimosia em sua insistência por manterem suas leis e seus costumes<sup>33</sup>, mesmo quando estavam habitando em território estrangeiro. A misantropia judaica (já explicada), portanto, pode ter sido uma causa que, aliada à relação dos judeus aos

---

Histórico, Ano IX, No. 17, 2016b. p. 116-132. Pode-se destacar como principais relatos egípcios os de Manetão, Lisímaco, Querémom e Apião. Todos estes foram respondidos por Flávio Josefo em sua obra *Contra Apionem*, que preservou fragmentos dos mesmos.

<sup>29</sup> Hecateu de Abdera, por exemplo, quando se refere ao Êxodo dos judeus do Egito, afirma que também outros estrangeiros se retiraram, dentre os quais “os mais distintos e competentes” foram para a Grécia sob a liderança de Dânao e Cadmo.

<sup>30</sup> No século passado, Sigmund Freud ressuscitou esta tese, afirmando que Moisés teria sido um egípcio que leva à prática da circuncisão aos judeus. Cf. FREUD, Sigmund. *Moisés e a religião monoteísta*. Tradução de Paulo Samuel. Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 44ss.

<sup>31</sup> Apesar da adoração egípcia de animais como o touro Apis em Memphis, o gato, o crocodilo, etc, certamente a adoração do burro carregava consigo uma particularidade, sendo não somente absurda como também ridícula. O comediante grego Aristófanes explicita o aspecto ridículo do asno em termos religiosos quando, de forma irônica, afirma sobre Zeus: “E desceu a Leda, como um cisne/ A Europa, como um touro! Por que não como – asno/ Para alguém?” Cf. BROWNING, Robert. *Aristophanes’ Apology: including a transcript from Euripides Bring the Last Adventure of Balaustion*. London: Smith, 1875. p. 122.

<sup>32</sup> Cf. Homero, *Iliada*, II. 558. Aparentemente a mesma ideia de teimosia aparece, mesmo que implicitamente, no relato sobre a jumenta de Balaão, em Números 22.

<sup>33</sup> A insistência em manterem suas leis e costumes chegou ao ponto de deflagrar diversas revoltas, a exemplo da Revolta dos Macabeus, no séc. II a.C., quando o rei selúcida Antíoco Epifânio proíbe diversas práticas judaicas, e a Revolta de Bar Kokhba, no séc. II d.C., em certa medida decorrente da proibição da circuncisão por Adriano.

egípcios, teria originado a acusação da onolatria.<sup>34</sup>

Mais provável, porém, é outra associação: dos judeus com o asno em decorrência de uma relação destes com o deus egípcio Seth, identificado pelos gregos com o titã Tifão. De fato, com o desenvolvimento de uma verdadeira competição historiográfica a respeito do Êxodo judaico, os egípcios, incorporando uma tradição própria à história, recorrentemente indicaram Moisés e seus seguidores (que formariam a nação judaica) como adoradores de Seth-Tifão<sup>35</sup>, muitas vezes sendo identificados como leprosos<sup>36</sup>, uma vez que a lepra era uma doença associada a este deus. Deste modo, pode-se dizer que, para os egípcios, sendo os judeus os descendentes de um grupo de dissidentes adoradores de Seth (inimigo do principal deus egípcio, Osíris<sup>37</sup>), tenderiam a identificar a religião judaica como uma forma de adoração àquele deus. Afinal, em ambos os casos se trata do deus do deserto.<sup>38</sup>

<sup>34</sup> A respeito do “culto do asno”, para além das acusações contra judeus e cristãos, confirma o artigo de A. B. Cook que, iniciando com um afresco miceno com a imagem de três asnos, traz inúmeras referências ao asno na antiguidade. COOK, A. B. “Animal Worship in the Mycenaean Age”. *Journal of Hellenic Studies*, Vol. 14, November 1894. pp. 81-169 [esp. 81-102, “I.—The Cult of the Ass”]. Um de seus apontamentos, apesar da sua fonte ser Horapolo (que Cook defende afirmando que sua ignorância sobre os hieróglifos não exclui seu conhecimento do costume helênico), traz outra possibilidade de explicação: segundo Horápolo (*Hieroglyphica*, I.823), os egípcios “retratam com a cabeça de um asno”, o homem que nunca deixou sua terra, e que não tem inclinação para a investigação e conhecimento de viagens ao exterior (COOK, 1894, p. 85). Ora, nada mais condizente com esta descrição do que os judeus que, além de serem afeitos por estarem em sua “terra prometida”, mesmo quando em terras estrangeiras (como no Egito), mantinham-se de certa forma enclausurados em seus próprios costumes, ou seja, se esta fonte for correta, o caráter da “misantropia” judaica encaixa perfeitamente com a imagem dos homens com cabeça de asno feita pelos egípcios.

<sup>35</sup> No relato de Manetão, por exemplo, se relata a história de Osarsiph, sacerdote de Heliópolis, associado (pelo menos por Josefo) a Moisés, e que lidera um grupo de leprosos e pessoas poluídas que inicialmente ocupam a cidade de Avaris, dedicada ao deus Seth-Tifão, mas que em seguida fazem uma rebelião contra todos os egípcios. Em outros relatos, porém, a relação se dá através de aspectos filológicos: Plutarco (*De Ísis e Osiris*, 31.363D) afirma que Seth se tornou o pai de Hierosolymus e Judaeus. Se, por um lado, o nome Judaeus se relaciona com a designação “judeus”, o outro nome, Hierosolymus, se relaciona com a capital dos judeus, Jerusalém, chamada de *Hierosolyma* em grego.

<sup>36</sup> No relato judaico do Êxodo, Deus concede a Moisés a habilidade de tornar sua mão leprosa (e saudável novamente) quando a coloca dentro de suas vestes, em seu peito, como sinal miraculoso para ser apresentado ao povo judeu e ao faraó (Êx 4.6-7). Algo semelhante acontece com o deus egípcio Hórus, que teve lepra em sua mão quando a colocou nas coxas de Seth, cf. GMIRKIN, Russell E. *Berosus and Genesis, Manetho and Exodus: Hellenistic Histories and the Date of the Pentateuch*. New York/London: T&T Clark, 2006. (Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, 433), p. 212, nota 96. Cf. RUPPENTHAL NETO, 2016b, p. 126, nota 54.

<sup>37</sup> O próprio relato de Querémom sobre o Êxodo judaico para ser decorrente do mito de Seth: assim como Seth é expulso por Hórus, filho de Osíris (a quem Seth assassinou), quando este chega na idade adulta, quando o faraó Ramsés chegou à idade adulta, teria expulsado os judeus do Egito. Cf. GMIRKIN, 2006, p. 202, nota 51. Sobre o mito de Seth, cf. Diodoro Siculo, *Bib. Hist.*, 1.21.3; Plutarco, *De Ísis e Osiris*, 19.358B-F.

<sup>38</sup> Possivelmente a relação também foi decorrente do fato de Seth ser o deus do deserto e os judeus terem pedido que fosse permitido irem ao deserto para sacrificar ao seu Deus (cf. Êx 8.25-28). GMIRKIN, 2006, p. 212.

A acusação contra os judeus de adorarem uma *cabeça de asno*, como aparece no relato de Mnaseas de Patras, pode ser explicada pela representação de Seth. Inicialmente, Seth era representado antropozoomorficamente como um ser com corpo humano e cabeça de um animal desconhecido, usualmente chamado de “animal de Seth”. Com o tempo, porém, passou a ser apresentado como um asno, ou tendo a cabeça de um asno<sup>39</sup>, de modo que o próprio “animal de Seth” passa a ser relacionado ao asno, tanto na escrita (relacionando as palavras<sup>40</sup>) quanto na iconografia (apresentando-o muitas vezes com cabeça de asno<sup>41</sup>). Mesmo que se considere a relação entre a cultura egípcia e a cultura judaica, ou mesmo entre Seth e o asno, afirmar que os judeus herdaram a adoração de animais dos egípcios seria algo absurdo. Porém, para os egípcios (e mesmo gregos) reconhecerem o quão absurdo é tal afirmação, teriam que conhecer adequadamente a religião judaica – o que, certamente, era restrito a uma pequena parcela destes. Para gregos, e principalmente para egípcios, o que se sabia sobre a história dos judeus parecia fortalecer ainda mais a relação, principalmente quando se atentava para o quão caótico o Egito estava antes do Êxodo por causa dos judeus (tanto nos relatos judaicos como egípcios).<sup>42</sup>

#### 4. O ASNO DENTRO DO JUDAÍSMO

O segundo caminho para se pensar a origem da acusação de onolatria é tomando a importância do asno dentro do próprio judaísmo. Apesar dos judeus não adorarem animais, como os egípcios, estes possuíam valor simbólico importante, especialmente na associação com personagens específicos. Assim, sendo alguns animais importantes em vários relatos bíblicos, eram associados, mesmo que parcialmente, aos personagens das histórias, identificando-os, como, por exemplo: o peixe com Jonas, o leão com Sansão (e Daniel), a pomba com Noé, o corvo com Elias, a mula com Balaão, e assim por diante.<sup>43</sup> Dentre os animais com forte associação também estava o jumento, associado a uma figura bastante enigmática, que é o Messias esperado. Tal associação

<sup>39</sup> TE VELDE, H. *Seth, God of Confusion: A Study in his role in Egyptian Mythology and Religion*. Reprint with some corrections. Leiden: Brill, 1977. (Probleme der Ägyptologie), p. 14.

<sup>40</sup> TE VELDE, 1977, p. 14.

<sup>41</sup> WARD, William A. The Hiw-Ass, the Hiw-Serpent, and the God Seth. *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 37, No. 1, Jan. 1978, p. 23-34 [23].

<sup>42</sup> Cf. VAN HENTEN, Jan Willem; ABUSCH, Ra'anan. “The Depiction of the Jews as Typhonians and Josephus’ strategy of refutation in *Contra Apionem*”, In: FELDMAN, Louis H.; LEVISON, John R. (eds.). *Josephus’ Contra Apionem: Studies in its Character and Context with a Latin Concordance to the portion missing in Greek*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1996, p. 271-309 [309]. Cabe lembrar que Seth é principalmente o deus do caos, cf. TE VELDE, 1977.

<sup>43</sup> Em grande medida o Cristianismo primitivo herdará estas figuras representativas, até porque, inicialmente os personagens do Antigo Testamento terão importância destacada na iconografia cristã, uma vez que evitavam o uso da cruz, pela perseguição sob o Império Romano.

é decorrente de um texto do profeta Zacarias:

Exulta muito, filha de Sião!  
Grita de alegria, filha de Jerusalém!  
Eis que o teu rei vem a ti:  
Ele é justo e vitorioso,  
Humilde, montado sobre um jumento,  
Sobre um jumentinho, filho da jumenta.<sup>44</sup>

A tradição messiânica judaica indicava, através da interpretação do texto de Zacarias 9.9, que o Messias viria montado em um jumento<sup>45</sup>, o que parece ter gerado diferenças interpretativas internas e críticas externas. Afinal, se o Messias seria o grande rei esperado, o salvador do povo judeu, por que estaria montado em um jumento, animal tão simples, e não em um garanhão? Segundo uma tradição relatada no Talmude Babilônico<sup>46</sup>, esta foi justamente a pergunta do rei persa Shevor ao rabi Amora Samuel: “Por que seu Messias não vem montado em um cavalo?”. O questionamento do rei, porém, teria vindo acompanhado de um deboche sobre o Messias, afirmando que lhe ofereceria um de seus cavalos de bom grado. A resposta de A. Samuel, porém, surpreende: “Você possui um cavalo com uma centena de tonalidades de cor?”. Em sua resposta, portanto, A. Samuel evidencia o valor peculiar que o jumento do Messias teria, sendo praticamente um animal mítico, com uma centena de cores. Tal relato, portanto, indica que o jumento do Messias não somente era questionado, como ainda passou a ter um caráter mítico, no intuito de lhe elevar o valor – não seria um jumento qualquer, mas um animal de valor superior, digno do Messias.

A tradição a respeito de A. Samuel e Shevor, porém, não é a única tradição que buscou explicar como o próprio Messias viria montado em um jumento. Assim, também havia uma outra tradição, segundo a qual o Messias viria de acordo com a dignidade do povo judeu. Assim, se o povo fosse digno, viria montado em nuvens<sup>47</sup>, descendo do céu, como em Daniel 7.13<sup>48</sup>; mas se o povo não fosse considerado digno,

<sup>44</sup> Zc 9.9, tradução da Bíblia de Jerusalém.

<sup>45</sup> Diversos textos como Zacarias 9, Salmo 22, etc, eram amplamente considerados como messiânicos já no primeiro século da Era Cristã, o que é perceptível pelo uso dos mesmos na construção teológica dos evangelistas e mesmo de Paulo, na formação do Cristianismo.

<sup>46</sup> Talmude Babilônico, *Sanhedrin* 98a.

<sup>47</sup> O tema de Deus montando nuvens aparece em alguns salmos (18.10-11; 68.5; 104.3), assim como em Deuteronômio (33.26) e Isaías (66.5). É possível também se ler a expressão como “cavalgar (n)as estepes”, cf. HERRMANN, W. *Rider Upon the Clouds*. In: VAN DER TOORN, Karel; BECKING, Bob; VAN DER HORST, Pieter W. (eds.). *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Second Extensively Revised Edition. Leiden/Boston/Köln/Grand Rapids: Brill/Eerdmans, 1999. p. 703-705. No caso da ideia de cavalgar nuvens, parece ser uma influência decorrente da mitologia canaanita em relação a Baal.

<sup>48</sup> “Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença” (Dn 7.13).

viria montado em um jumento, como em Zacarias 9.9: “Se eles (os israelitas) o merecerem, então ele virá com as nuvens do céu; se não o merecerem, virá pobre e montando um jumento”.<sup>49</sup>

Se, por um lado, a segunda tradição explica não somente a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumento<sup>50</sup> como também a afirmação de Paulo de que o cristianismo é uma “ofensa” (usualmente traduzido como “escândalo”) para os judeus<sup>51</sup>, a primeira tradição parece acompanhar uma valorização do jumento, mitologizado, que explica, em boa medida, a referência de Diodoro Sículo a uma imagem de *um homem montando um asno* que, segundo Antíoco, seria Moisés. Mais do que Moisés, é provável que tal imagem, tenha ou não existido historicamente, fosse uma referência à esperança messiânica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a explicação via Egito aponta para a *cabeça de asno*, presente no relato de Mnaseas, a explicação a partir da tradição judaica indica a razão do *homem montado em um asno*, figurado no relato de Diodoro. É bem possível, portanto, que ambos os aspectos tenham contribuído para o surgimento da acusação de onolatria, assim como não é impossível de serem considerados outros elementos de influência. Deste modo, o presente artigo se apresenta como uma dupla explicação que, apesar de ter seu propósito e buscar responder ao questionamento da razão da acusação de onolatria, não fecha as possibilidades de novos elementos serem identificados neste capítulo da história da relação dos judeus com o mundo helenístico.

## REFERÊNCIAS

BAR-KOCHVA, Bezalel. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010.

<sup>49</sup>Talmude Babilônico, Sanhedrin 98a. Cf. SCHUBERT, Kurt. Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, p. 74.

<sup>50</sup>A respeito do jumento como montaria de Jesus, cf. INSTONE-BREWSTER, David. The Two Asses of Zechariah 9:9 in Matthew 21. *Tyndale Bulletin*, Vol. 54, No. 1, 2003. p. 87-97. Este elemento literário é especialmente aproveitado em Mateus 21. Pode-se ver, ao mesmo tempo, a incorporação da tradição do Messias montado em nuvens, a partir do texto de Daniel, em Apocalipse (1.7). Deste modo, se para os judeus do primeiro século uma das interpretações era a de que o Messias viria ou em um jumento ou em nuvens, os cristãos readéquam a questão apresentando duas vindas de Jesus: uma humilde, como ser humano, em um jumento, e a segunda vinda, futura, como a vinda escatológica, do Cristo exaltado, vindo sobre as nuvens.

<sup>51</sup>Cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Escândalo e loucura: o mistério da cruz de Cristo a partir de I Coríntios 1.22-12.4. *Práxis Evangélica*, Vol. 23, 2014. p. 81-97.

BERTHELOT, Katell. Hecataeus of Abdera and Jewish 'misanthropy', *Bulletin du Centre de recherche français à Jérusalem*, Varia 19, 2008.

BROWNING, Robert. *Aristophanes' Apology*: including a transcript from Euripides Bring the Last Adventure of Balaustion. London: Smith, 1875.

COOK, A. B. Animal Worship in the Mycenaean Age. *Journal of Hellenic Studies*, Vol. 14, November 1894. pp. 81-169.

COSTA JR., Cesar L. J. da; FRIGHETTO, Renan. A concepção de deus no *De Providentia* de Sêneca. *Hélade*, Vol. 2, No. 3, dez. 2016. p. 51-58.

DORAN, Robert. The Persecution of Judeans by Antiochus IV: The Significance of "Ancestral Laws". In: HARLOW, Daniel C. et al. *The "Other" in Second Temple Judaism*: Essays in Honor of John J. Collins. Grand Rapids: Eerdmans, 2011. p. 423-433.

FALBEL, Nachman. As raízes do anti-semitismo na Antiguidade e na Idade Média. In: FUKS, Saul. (org.). *Tribunal da História*. Volume II: Processos de formação da identidade judaica e do anti-semitismo. Rio de Janeiro: Imago/Centro de História e Cultura Judaica, 2008. p. 197-227.

FREUD, Sigmund. *Moisés e a religião monoteísta*. Tradução de Paulo Samuel. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

GMIRKIN, Russell E. *Berosus and Genesis, Manetho and Exodus*: Hellenistic Histories and the Date of the Pentateuch. New York/London: T&T Clark, 2006. (Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, 433).

HERRMANN, W. Rider Upon the Clouds. In: VAN DER TOORN, Karel; BECKING, Bob; VAN DER HORST, Pieter W. (eds.). *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Second Extensively Revised Edition. Leiden/Boston/Köln/Grand Rapids: Brill/Eerdmans, 1999. p. 703-705.

INSTONE-BREWER, David. The Two Asses of Zechariah 9:9 in Matthew 21. *Tyndale Bulletin*, Vol. 54, No. 1, 2003. p. 87-97.

KÁKOSY, L. Prophecies of ram Gods. *Studia Aegyptiaca*, Vol. 7, 1981. pp. 139-154.

LUDLAM, Ivor. Appendix: The God of Moses in Strabo. In: BAR-KOCHVA, Bezalel. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010. p. 525-541.

MASON, Steve. (ed.). *Flavius Josephus: Translation and Commentary*. Volume 10: *Against Apion*. Translation and Commentary by John M. G. Barclay. Leiden/Boston: Brill, 2007.

REINACH, Théodore. *Textes d'auteurs grecs et romains relatifs au judaïsme*. Reunis, traduits et annotés par Théodore Reinach. Paris: Ernest Leroux, 1895. (Fontes rerum Judaicarum).

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no judaísmo helenístico. *Reflexus*, Ano X, No. 16, 2016a. pp. 375-393.

\_\_\_\_\_. A imagem de Moisés no Mundo Helenístico. *Revista Jesus Histórico*, Ano IX, No. 17, 2016b. p. 116-132.

\_\_\_\_\_. Escândalo e loucura: o mistério da cruz de Cristo a partir de I Coríntios 1.22-24. *Práxis Evangélica*, Vol. 23, 2014. p. 81-97.

SCHUBERT, Kurt. *Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária*. São Paulo: Paulinas, 1979.

STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Edited with Introductions, Translations, and Commentary by Menahem Stern. Volume 1: From Herodotus to Plutarch. Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976.

TE VELDE, H. *Seth, God of Confusion: A Study in his role in Egyptian Mythology and Religion*. Reprint with some corrections. Leiden: Brill, 1977. (Probleme der

Ägyptologie).

VAN HENTEN, Jan Willem; ABUSCH, Ra'anan. "The Depiction of the Jews as Typhonians and Josephus' strategy of refutation in *Contra Apionem*", In: FELDMAN, Louis H.; LEVISON, John R. (eds.). *Josephus' Contra Apionem: Studies in its Character and Context with a Latin Concordance to the portion missing in Greek*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1996, p. 271-309.

WARD, William A. The Hiw-Ass, the Hiw-Serpent, and the God Seth. *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 37, No. 1, Jan. 1978. p. 23-34.

YARBROUGH, Oliver Larry. The Shadow of an Ass: On Reading the Alexamenos Graffito. In: NIANG, Aliou Cissé; OSIEK, Caroline. (ed.). *Text, image, and Christians in the Graeco-Roman World: A Feestschrift in Honor of David Lee Balch*. Eugene, Oregon: Pickwick Publication, 2012. (Princeton Theological Monograph Series, 176). p. 239-254.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional